

Os recursos da aurora

JORNAL DA TARDE

MAURO SANTAYANA

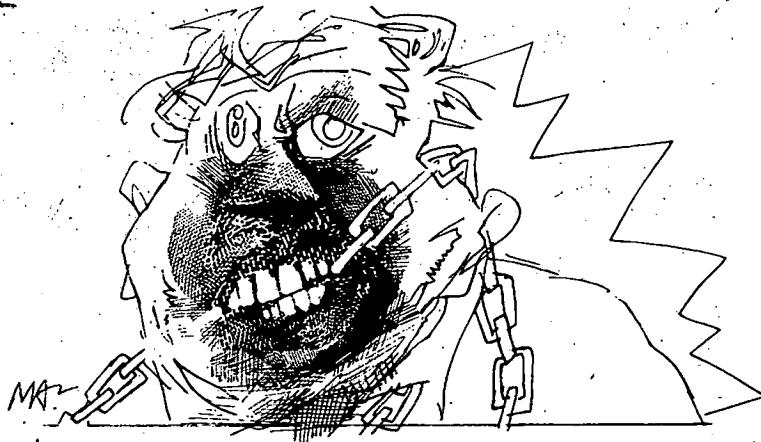
26 NOV 1993

Em alguns de seus mais belos versos, Paulo Vanzolini resume a vida aos olhos de ver, boca de falar, pés de andar, mãos de fazer, amor de amar, vida de viver, morte de morrer.

Se, antes de nascer, o homem recebesse no útero os mapas do mundo, como recebemos das empresas de turismo os prospectos de viagem, talvez já a ele chegassemos com esta inteligência que o grande poeta e biólogo resume em tão parcias linhas. Mas não é assim, e talvez seja melhor. Temos que abrir os nossos caminhos no mundo, dependendo de circunstâncias volúveis, e descobrir, passo a passo, suas virtudes e seus pecados; e o que pode ser, talvez, a felicidade.

Nos últimos meses percorrem as mesmas angustiadas da classe média algumas palavras de Jorge Luis Borges sobre a vida. Borges, sentindo já o rumor das sandálias da Morte, confessa que, se houvesse outra vida para viver, a ocuparia com uma rotina muito simples — e caminharia descalço da primavera até o outono. Precavido, não se propunha a andar descalço no inverno, o que é desconfortável, mesmo em uma metáfora.

Outro octogenário, Gustavo Capanema, disse certa vez a José Aparecido de Oliveira que a vida é solerte. Quando estamos aprendendo a viver, chega a hora de morrer. Ele dava-nos o exemplo, só depois dos 75 anos compreendia um pouco os valores da vida, mas já era tarde. Há, no entanto, os que, mesmo depois



HÁ OS QUE, MESMO DEPOIS DOS SETENTA, CONTINUAM A PINTAR OS CABELOS E A MANIPULAR ORÇAMENTOS

dos 70, permanecem sem saber o que é dignidade, e continuam a pintar os cabelos e a manipular orçamentos.

Os cínicos poderão concluir que esse entendimento da vida como alguma coisa singela, chegando tão tarde, só pode significar a astúcia da impotência. Os velhos já não podem rasgar as selvas, construir fortunas, conquistar impérios. Por isso acham que não vale a pena o sacrifício em busca do poder e da glória, e elogiam os pés descalços sobre o solo aquecido da primavera e do verão.

É possível, como, de resto, tudo é possível, embora, conforme o paradoxo de Chesterton, nem tudo o que é possível seja provável. Só quando chegar a tão alongados anos sa-

beremos se são as nossas glândulas ou se é a nossa sabedoria a nos indicar esta nostalgia "da vida que não foi e poderia ter sido".

De qualquer forma nos parece claro que não foi um bom negócio o que fizeram os anões do Orçamento e seus irmãos mais altos. Eles poderiam ter vivido bem com os seus subsídios parlamentares. Em lugar de voar de um lado para outro, ao deputado João Alves, por exemplo, convinha andar um pouco descalço nos espinhos verões das caatingas baianas. A propósito, que desperdício a viagem tão documentada dos anões pelos mares e ilhas gregas: eles retornaram de lá, é o que se supõe, encantados pela comida que, em nossos dias, não é

mais grega, e sim turca. E se subiram à Acrópole ou caminharam pelas ruínas de Corinto e de Delfos foi apenas para a clássica cerimônia da foto. Eles teriam gastado melhor o nosso dinheiro se tivessem feito excursão turística a Alcatraz e a Cayenne.

Estamos retornando, nestes dias, às velhas esperanças que nos reuniram, junto a Tancredo, na memorável campanha de 1984. Dentro delas devem esconder-se algumas reflexões, como as que fez Vanzolini em seu poemeto. Não vale a pena ter muitos carros na garagem, mansões, ilhas se não podemos ter boca de falar (e a boca que mente sobre coisas tão graves como a dos anões não fala. É muda, com todos os seus sons), pés de andar descalços e descuidados, mãos de trabalhar e de se estender em direção ao outro, amor de amar, enfim, vida de realmente viver e morte de honradamente morrer.

Os séculos, como os dias, têm a sua aurora. E mais cheia de recursos deve ser a aurora que nos traz um milênio. Embora todos os dia, no mundo físico, sejam rigorosamente iguais, os homens existem em outra dimensão, a dimensão que eles mesmo estabelecem, com a palavra, o caminho, o trabalho, o amor, a vida e a morte.

O AUTOR
Mauro
Santayana é
jornalista

